OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 757

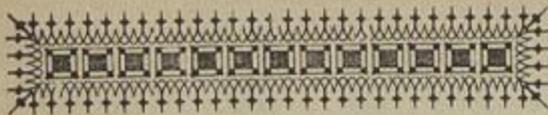
10 DE JANEIRO DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe. e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

RUINAS DO CONVENTO DO CARMO, EM LISBOA — FACHADA PRINCIPAL

CHRONICA OCCIDENTAL

Uma noite d'estas, pelo Chiado, ia ella descendo.

Acompanhava-a uma outra com mantilha de lã branca na cabeça e um chailesinho, muito fino para tanto frio, cruzado sobre o peito.

Tic-tique, lá iam as duas.

Mas a outra é que dava na vista, toda de encarnado, com o seu barrete de plumas na cabeça loira, o pernil muito escanzelado enfiado em altas meias de algodão vermelho, por sob o qual se adivinhava passarem calafrios.

E com os passinhos muito meudos desciam as duas, com as botas cambadas já cheias de lama, que a lama é teimosa no Chiado, até quando passados tres dias bonitos.

Uma ao lado da outra, caladas e sorumbaticas... para onde iriam tão tristes?

E' verdade... começaram os bailes de mascaras... E' isso! Viva a alegria!

Cartazes com muitas côres e muitos bonecos chamam a attenção de quem passa. As danças são desenfreadas, a alegria deve chegar ao paroxysmo, o champagne ha de fazer saltar as rolhas quasi tão alto como as pernas das cancanistas. Que bellas valsas, mais trepadoras talvez que o proprio vinho!...

Tudo o cartaz nos annuncia, afora varias surprezas.

Lá dentro está o pagemsinho encarnado e a outra da mantilha, sempre com frio. Pelos buracos das mascaras vêem-se-lhes os olhos embaciados pelo somno. Somnolentos passeiam uns homens graves. O vinho tinto adormeceu uns dois ou tres nas escadas. Lá em cima uma tia virtuosa d'uma menina leviana adormeceu tambem com os respeitaveis cabellos brancos encostados ao velludilho da galeria.

Os cornetins tocam estafados uma nova quadrilha. Viva a alegria! Os porteiros de gravata branca remexem-se com uma tristeza profunda. E as mascaras murmuram baixinho aos bebados:— Vamos para casa.

O entrudo chegou! O tempo da folia, do delirio, da alegria a transbordar!

Mas que tristeza que faziam aquellas duas mascarasinhas — tic-tique — pelo Chiado!

Chega o entrudo, acabaram-se as mais lindas festas do anno, aquellas que nos acordam melhores lembranças, aquellas que aos nossos filhos hão de trazer um dia maiores saudades.

Foi a ultima a dos Reis. Que memorias esse nome nos desperta de velhos presepios, em que elles, Balthazar, Gaspar e Belchior, um d'elles preto, figuravam, vestidos de turcos, montados em soberbos cavallos brancos, trazendo ao menino myrrha, incenso e oiro! E lá em cima a estrella a luzir, deixando no céo o seu grande rasto luminoso!

Foram-se as festas e com ellas as ferias! Já pela manhã não ha bulicio nas casas. Os pequenos foram-se para a escola, com o seu saquinho da merenda n'uma das mãos, na outra os livros massadores atados com uma correia. E lá vão pela rua fóra, saudados pelos pardaes, mais felizes estes, porque teem ferias o anno inteiro.

Deram os jornaes noticia d'uma festa que houve no theatro da Trindade, depois que o panno baixou sobre o ultimo acto da feliz peça do Garrido, o *Relogio magico*.

Fazia annos o emprezario, Affonso dos Reis Taveira e, depois do espectaculo, houve baile e ceia. Quantos annos elle fazia não o quiz dizer a ninguem. Trinta...? Trinta e dois...? Foi esse, durante dia e noite, o assumpto de muitas discussões no theatro da Trindade. A ceia durou até pela manhã. Mas não pode haver gosto completo n'esta vida. Ha sempre quem goste de descobrir verdades agradaveis. O facto é que o Taveira recebeu do Cyriaco um jornal em que vinha escripto á mão em grossas letras: — «Esta é que é verdade!» E todos, attonitos viram que o maestro mandára ao empresario metade d'um *Seculo*. Como presente d'annos é graça pesada.

D'aqui a uns tantos annos o Taveira lh'o pagará com a outra metade do mesmo jornal.

Foram alegres as festas. Dia de anno bom, dia de Reis, dias maravilhosos de inverno, os mais lindos de todos, quando querem. Frios. Mas que bello sol! que esplendido azul!

Foram alegres para quem o foram. Quanta tristeza a alegria de muitos não haveria de a muitos exacerbar! E n'esses dias são ainda as melancholias peores e mais pesam solidão e saudades, mais se irritam os tormentos dos que a negras idéas sujeitam os espiritos merencorios.

E' lembrarmo-nos d'esses inglezes, que, tão longe, onde cuidavam ir conquistar uma gloria facil, dar um simples passeio militar, essa noite de Natal, tão cheia em Inglaterra de poesia e de tradições, passaram em torno ás fogueiras dos acampamentos, sonhando com o lar na patria, tão quente e aconchegado, que deixaram,... tantos d'elles para sempre!

Contavam-se fanfarronadas de generaes, que haviam de passar o Natal em Pretoria. Mentira ou verdade taes palavras, de quantos não fôra esse por certo o pensamento, ao pôrem pé no barco, que os havia de levar até ás mais extraordinarias e imprevistas derrotas, atravez o Oceano! E foi nas mais sombrias lembranças que elles passaram o dia saudoso entre todos e entraram finalmente no anno bom.

Que ironia para tantos n'estas duas palavras com que nós, portuguezes, costumamos indicar o primeiro dia do anno!

Não foi bom para elles, não. As ultimas noticias dos campos de batalha dão cada vez como mais precarias as circumstancias do grande exercito que a Inglaterra já tem nas suas possessões da Africa do Sul. Espera-se a cada momento a rendição das praças sitiadas. Cada assalto tentado pelos generaes britannicos é o War-Office annunciando-nos mais uma derrota. Apenas de vez em quando se fala n'um ou outro intermediario que se offerece para o estabelecimento da paz; ninguem por emquanto a espera para muito breve.

Não tiveram os inglezes um anno bom, não, por certo.

Apesar das apprehensões, melhor foi o nosso. D'esta vez sahiu-lhes certo o dictado, quasi sempre falso: — grande náu, grande tormenta.

O que será para o nosso fragil barquinho o futuro, elle só nol-o ha de dizer.

Muito se tem falado do tratado entre a Inglaterra e a Allemanha referente á partilha das nossas possessões africanas; mas foram atoardas apenas, que, por emquanto, se não confirmaram.

Ainda o nosso peor mal, mais de assustar, é o da peste que, embora como a medo, ainda continua fazendo suas victimas no Porto. Os cuidados havidos em Lisboa, nos poucos casos que na capital se teem dado, evitaram aqui a propagação da epidemia.

Entretanto a Morte, mesmo sem dispôr das armas que mais nos amedrontam pelas muitas victimas que fazem n'um mesmo pequeno instante, vai fazendo seu triste officio, obrigando-nos ao lucto, ao necrologio.

No sabbado, 6 do corrente, ficou sepultado no cemiterio do Alto de S. João o cadaver do vigoroso jornalista Alves Correia, que, tendo encetado a sua carreira escrevendo na *Folha do Povo*, fundára mais tarde os *Debates*, jornal que foi substituido pela *Vanguarda* que por muito tempo dirigiu, e ainda depois o *Paiz*, cuja direcção deixou por motivo da longa doença, que veio a prostral-o ao cabo de muitos mezes de lucta. Ultimamente escrevia na *Patria*.

Foi concorridissimo o seu enterro, falando junto do jazigo os srs. Gomes da Silva e Casimiro Freire, em nome do directorio republicano e ainda os srs. Brito Aranha, Augusto José Vieira, Damaso Diniz, Miranda e Brito, Paes Dores, Heliodoro Salgado, Theodoro Ribeiro e França Borges.

Para um primoroso poeta se abriu nova cova no dia seguinte. A todos surprehendeu a triste nova da morte de Luiz Osorio, cujos versos quentes, sentidos, espontaneos, ainda não ha muito, lhe ouviramos com enthusiasmo recitar. Casára não ha ainda um anno cumprido. Levou-o a morte em plena lua de mel.

Luiz Osorio era formado em direito e foi deputado em algumas legislaturas.

Deixa alguns volumes onde ha primores.

E n'um dia lindo de inverno, primeiro annuncio da primavera, lá o foram enterrar, quando, ha dois dias, ainda elle por ahi andava sonhando glorias, felicidade, tranquillidade de lar, fundando esperanças no filho que lhe ha de herdar o nome e que nunca ha de saber o que é um beijo de pae.

E são mais tristes ainda os cemiterios em dias de tanto sol, em que tudo parece cantar hymnos á vida e ao amor.

Paz ás almas.

João da Camara.

Ruinas do Convento do Carmo, em Lisboa

Ha monumentos tão suggestivos que a sua simples contemplação nos offerece um profundo interesse. Perante as ruinas vetustas e ainda elegantes da velha egreja do Carmo, nenhum portuguez deixará de evocar esse illustre guerreiro, esse heroe tão sympathico e tão popular da nossa historia, que n'ella e nos campos de batalha se chamou D. Nuno Alvares Pereira, e no recolhimento do claustro frei Nuno de Santa Maria, como elle se assignava. O *santo condestabre*, tão amado do povo, deixou eterna memoria de si em Atoleiros, Aljubarrota, e Valverde, como pelejador esforçado; e na vida monastica bem depressa a auréola dos santos o veiu circumdar aos olhos do povo maravilhado e que tanto lhe queria. Era um vulto cavalheiroso e popular ao mesmo tempo. Tinha o orgulho e o bom humor que distinguiu a sua physionomia tão caracteristica da nossa edade media e que mais tarde contrastou poderosamente com a sua humildade de freire professo, e lhe valeu, nas côrtes de 1641, que os tres estados do reino supplicassem a Urbano VIII a sua beatificação, como depois novamente instaram, nas de 1674, os bispos do reino, para com Clemente X. E esta canonisação, cujo processo se tem feito correr, ainda hoje parece estar longe.

Origem, pela parte materna, da casa de Bragança, D. Nuno Alvares Pereira é tão illustre pelo nascimento como notavel pela sua valentia. Era filho do prior do Hospital D. Alvaro Gonçalves Pereira e de D. Iria Gonçalves de Carvalho; nasceu no Bonjardim, perto de Santarem, cerca de 1360, vindo logo em tenra edade com seu pae para a côrte, onde D. Leonor Telles o tomou por seu escudeiro. Capricho da sorte, que depois por mais de uma vez se mostrou tão singular com o grande heroe portuguez.

Contando D. Nuno cerca de 17 annos pensou seu pae em casal-o com D. Leonor Alvim, rica dona da provincia de Entre Douro e Minho. Embora não fosse este o seu intento, Alvares Pereira veiu effectivamente a casar, tendo uma filha, D Beatriz, que foi o tronco feminino da casa de Bragança.

A's guerras do Alemtejo bem cedo ali acudiu Nuno Alvares. Dedicado ao Mestre de Aviz, depois que este foi proclamado defensor do reino, não cessou de o auxiliar nobremente. E' com a batalha dos Atoleiros em 1384, que o seu valor se affirma, augmentando nas successivas batalhas gloriosissimas em que se encontrou. Se Egas Moniz representa a lealdade do reino que se começava a constituir, Nuno Alvares synthetisa a lucta pela independencia, esse amor patrio que todos os corações tão bem sentiam, mas que então só a espada sabia escrever e a golpes profundos nos campos da lucta.

Quadro notavel da vida d'este heroe nos pintou Oliveira Martins na sua *Vida de Nun'Alvares*, livro excellente que nos tenta a reproduzir-lhe alguns dos periodos mais ligados ao assumpto de que pretendiamos tratar: o da fundação da egreja do Carmo, de Lisboa, de cujas ruinas apresentamos uma estampa na nossa primeira pagina.

Grande foi o numero de fundações piedosas que D. Nuno deixou para memoria constante das suas façanhas. O alto Alemtejo, principal theatro das suas heroicidades, está coalhado de capellas votivas; mas a maior, a mais bella cathedral, foi a que se começou em Lisboa, no alto da Pedreira, ou do Almirante, defrontando com a sé, e que foi offerecida á Virgem do Carmo, pela victoria de Valverde.

Textualmente escreve o distincto historiador: [1]

«Cada batalha tinha o seu voto: as façanhas ficavam registadas em folhas de pedra, dispersas pelo livro aberto do solo portuguez. Cada crise erguia-o um degrau no throno luminoso em cujo alto, fulgurantemente, via a Virgem envolta em nuvens, cercada de anjos, com a cabeça erguida e o olhar levantado para o infinito esbatido em vagas ondulantes de azul e ouro, desmaiadas, perdendo-se n'uma diffusão de luz, evaporando-se, com fragancias innominadas no sonho ideal da sua imaginação amorosa.

....

O voto que fizera no dia angustioso de Valverde tinha já cumprimento quasi completo nos primeiros annos do seculo novo de 400. Tambem promettera á Virgem um templo em paga de Aljubarrota, e para isso obtivera logo licença do papa, mas D João I tomara a si o levantar a sua cathedral magnifica no logar da peleja, e o con-

1 *A vida de Nun'Alvares* por Oliveira Martins, pag. 397.

destavel cingiu-se á obra da capella, o proprio sitio onde tivera a bandeira. A sua cathedral erguia-a em Lisboa.

No alto da collina, a prumo sobre o Rocio e os campos de Valverde, fronteira aos montes da velha Lisboa oriental, já ampliada para occidente dentro dos muros d'el-rei D. Fernando comprara o condestavel um olival aos frades da Trindade. Chamavam ao monte da Pedreira, por d'ali se extrahirem materiaes de construcção na encosta abrupta que descia em socalcos e degráos até ao esteiro da Baixa; chamavam-lhe do almirante, por haver ahi as ruinas do palacio Pessanha, morto em Beja na revolução, valhacouto de salteadores que ficava ao sul do olival dos frades, e pertencia á viuva do fallecido, que era a propria irmã do condestavel, D. Joanna. Tal foi o logar escolhido para a construcção do templo, cuja obra começara, quando tambem, no logar da Batalha, D. João I principiava o seu.

D'alem, como aguia dentro do ninho, Nun'Alvares dominava a cidade; e em frente do castello dos tempos antigos erguia o baluarte dos novos: diante de uma cidadela, uma cathedral; diante da espada a cruz. Contrario á regra que mandava aninhar no fundo dos valles apertados as cathedraes em que a phantasia mysteriosamente mystica das imaginações se desdobrava em sonhos de pedra, o condestavel queria que o seu templo se erguesse soberanamente no alto de um monte, imagem eterna da grandeza aeria, quasi epica, da devoção heroica. E nenhum monte de Lisboa d'então, ainda não arrastada para o poente pela embriaguez do mar: nenhum monte fallava mais alto que essa eminencia da Pedreira, vendo em frente desdobrar-se a cortina de cerros, em que toda a historia anterior da cidade estava escripta sobre paginas banhadas de sol.

Alem, do norte, abre o horisonte o morro da Penha: Nun'Alvares recordava-se dos tiros ahi trocados havia vinte annos, pela primavera, quando chegava com o irmão — Deus tenha em paz a sua alma! — a defender Lisboa, cercada pelos castelhanos, no tempo d'el-rei D. Fernando. Depois o terreno afunda-se como vaga, levantando-se no Monte Olivete, cujo nome acordava á sua ideia as piedosas lembranças da paixão do Redemptor. Depois é outra vaga, Almafala, dos frades da Graça: por ahi combatera tambem; por ahi fugira doidamente a Pedr'Alvares — Deus lhe perdôe, e o tenha em sua companhia! — para ir a Villa Viçosa, á batalha real, que se não deu... E vinha-lhe á lembrança as pazes, as bodas da infanta D. Beatriz, o banquete de Elvas, a meza que estouvadamente derrubara, por desforra; e o nojo, o enfado, o tedio de viver, a fuga... Quem lhe diria então que semelhantes fructos aos de agora estavam latentes n'essas flôres de veneno?... Depois, n'outra vaga menos alta, o Castello, a Alcaçova, levantando sobre a pinha de casaria: o Castello que tomara nos primeiros dias de esperança, ao soltar-se a revolução; e em baixo, á sombra d'elle a Sé, cujas torres foram o calvario do bispo perdido: cujas torres, cortando o céo e o rio se banhavam ao mesmo tempo, no azul do ar, no azul da agua, no azul distante dos montes esfumados da Arrabida, lá para além... Detraz das torres aponta a agulha do paço d'apar S. Martinho, onde morreu o Andeiro. Ao fundo, está Palmella: que dias crueis foram os do cerco! E a corrida a Almada, as fogueiras que accendia no castello para que o Mestre soubesse como pairava de fóra, correndo, voando, em sua defeza! .. O horisonte fecha-se n'uma coroa doce, perdido em agua.

N'outro plano, inferior e mais proximo, erguendo-se a nascente do Rocio, vae seguindo a lombada de Sant'Anna, a encobrir o valle da Mouraria, Santo Antão e a Corredoura, que se insinuam para leste: a lombada mosqueada de olivaes, onde para fóra das muralhas a casaria da cidade, amontoada a poente, como em pinha, branqueia dispersa, perdendo-se pouco a pouco no pardo amarellento dos campos. Foi lá em baixo que acabaram de matar o bispo scismatico arrastado da Sé, deixando-o mutilado apodrecer como os cães... Aqui mesmo, na raiz do monte, de cujo cimo Nun'Alvares domina os socalcos pedregosos: aqui mesmo passa a rua de Mestre Gonçalo [1], que vae ao Rocio, a Valverde. No angulo em que a Baixa bifurca, abrindo-se, fica o convento de S. Domingos; para além Santa Justa; ao lado, a Senhora-da-Escada, tão benigna para Lisboa. Valverde vae seguindo e subindo, ferrageaes e hortas, cortadas de lado a lado pela linha negra das novas muralhas, armadas de torres, coroadas d'ameias, cujos dentes mordem o céo, trepando empinadamente pela encosta do monte de S. Roque, sobranceiro da esquerda ao do Almirante. Entre ambos afunda-se uma viella ingreme, em degraus até ao Rocio. [1] Da direita, para além da quebrada rapida do terreno, avança apertando o esteiro da Baixa, o plan'alto de S. Francisco, ultimo degrau da escada montuosa que vem descendo desde além de S. Roque. S. Francisco trazia á idéa do condestavel a sua vinda a Lisboa, na primavera de 1382: ahi o irmão—Deus lhe falasse n'alma ao expirar! —levantara a sua bandeira dentro da cidade cercada... E, voltando-se, tinha deante de si a espessa cortina dos muros que descia de S. Roque, por alli proximo, ao lado da Trindade, com a porta de Santa Catharina em frente: a porta por onde saira no verão á sua aventura de Santos, onde ia perdendo a vida... Tudo em volta lhe fallava dos tempos anteriores, que eram hontem; mas que á sua imaginação vibrante pareciam longamente affastados, por seculos vastos... Outras ambições, mundos novos: empreza mais bella ainda, se lhe estava construindo sobre o pinaculo dos seus velhos pensamentos, sobre o throno do monte d'onde via desenrolar-se-lhe a vida transacta...

(Continúa).

1 Hoje rua nova do Carmo.

1 Hoje calçada do Carmo.

A CONSTANÇA LODY

(Recordações)

Naquella noite não dançaram os *cinco passos* ou a *pavana*. Ninguem lá pasmou ante os requebros da *gavota* ou do *minuete*. *A jota aragoneza*, *a carmagnola* da revolução, as marcas variegadas do *cotillon*, graciosas, elegantes, vivas, ninguem, ninguem as viu. E todavia ainda eram sem descanço ao romper d'alva, depois de haverem desenhado em passos choreographicos todas as danças então álamoda: — desde a velha quadrilha franceza e os lanceiros da Inglaterra até á mazurka da Polonia, e a dança popular dos Tchèques — a polka.

Bons tempos em que dançavam a polka! O auctor ia nos seus 17 annos; Garibaldi estava na berra; Paulo Romeiro havia morrido. O que tudo não era impeço a que a ligeira dança volteasse alegre, mesmo ás barbas dos homens fataes do romantismo, de compridas guedelhas, encostados á hombreira das portas.

Como isto me faz saudades!

Agora mando a V. Ex.ª as lembranças de então:

* * *

— «Poetas, era lá que eu vos queria, afinando a lyra; escutando de roseos labios as ternas confidencias; embellecados nos mil sorrisos feiticeiros, ephemeros, em que ás vezes a formosura leva de assalto um pobre coração ingenuo.

Eu, de braço dado com um valsista, grande sabedor de cousas femininas e outras, andei por alli mergulhado n'um ambiente de luz; o cavalheiro era certamente um prestimoso rapaz, alma sem fel, que me contou das bellezas mais ou menos em evidencia, deixando no escuro as que, sem prévia caracterisação, já pertenciam á velha guarda irresistivel.

A orchestra compunham-na a capricho os philarmonicos da terra, uns tangedores barbudos, de fôlego felino. Todos sobraçavam instrumentos de pau e metal, de côr duvidosa, entre o açafroado e o negro da chaminé; e tão rudimentares, cada qual, apertados, excruciados entre braços athleticos, não produziam impressão sensivel ou amaviosa, antes barulhado desconcerto, que mais parecia a voz natural d'aquelles faunos silvestres.

Raparigas, desde a pallida até á morena, depois da morena, até á loira de olhos azues, matizavam o salão, que tinha as paredes vestidas de bandeiras nacionaes e varias corôas de phantasia, a penderem desleixadas da orladura do tecto.

O animal bipede andava por alli, numa grande satisfação sensual: defrontei com varios exemplares de rotunda pança e perna grossa, refocilando-se na imaginação em futuras *sandwichs* e copos de moscatel e malvazia.

Infelizmente para elles, o poder executivo da festa mandou servir uma beberagem, a que chamavam capilé!

Oh desillusão! A turba, desapontada, resolveu emigrar para outro planeta.

Uma senhora elegante, de cabellos louros, a mão breve, linda, o pé de Cendrillon, delicada na estatura, o rosto suavemente pallido, assemelhando-se a uma flor de New-Castle trazida para a nossa terra, andava por alli descuidada, absorta, dançando por esquecer a monotonia da vida.

Ouvi-a fallar, conversei com ella. Era uma ave d'outro paiz, a gorgear, mansa, timidamente, qual o murmurio de uma fonte, a aria da juventude.

Amei-a durante dez minutos; a sua imagem passou, como passam as nuvens brancas no céo.

«Ah! qui verra deux fois ta grâce et ta tendresse,
Ange doux et plaintif qui parle en soupirant?»

Encontrei depois uma outra com mais vida e animação, a fallar-me d'um rapaz da provincia, que eu bem conhecêra. E suspirava:

— Não póde volver mais esse tempo! Encontrei-o a primeira vez em S. Carlos. Dizia a Tedesco um trecho não sei de que opera: — *io te amo!* E eu, tambem dizia baixo a meu pobre coração: — não o amas tu, não o amas?

— E não o tornou a ver?

— Muitas vezes: no theatro, nas festas, nos concertos.. em minha casa.

Fechou os olhos, e nesse momento rapido certamente viu desfilar por deante da lembrança aquellas imagens ephemeras e lindas, que são as margaridas da existencia, colhidas aos vinte annos.

— Um dia foi para a provincia, e...

— E?...

— Nunca mais tornei a saber d'elle; não sei se morreu.

Lembrei-me então dos sonhos que fazemos e não se realisam, dos amores que principiam e não duram, das rosas que vivem um dia e desbotam, das estrellas que rutilam no céo e se apagam.

No meio d'este idyllio disseram-me que uma senhora, já no occaso da existencia, ia cantar, como se fosse uma rapariga na flor dos annos. E assim succedeu.

Ouvi-a pasmado, inquieto, julgando assistir a um conto phantastico de Edgar Poë.

Ah! com que expressão, repassada de saudades, ella dizia o *andante* do primeiro acto da Anna Bolena: — *Come innocenti giovani!*

Era a opera da sua estreia em casa do conde de Farrobo; e, por isso, recordando-se, molhava de lagrimas a voz maguada.

Comprehendi então que poder não é o da saudade; o que pode a recordação d'aquellas noites, em que, ao som de magnifica orchestra, uma voz sonora, vibrante, cheia de mocidade, amor e sentimento, se eleva triumphante, para deixar depois, como o sulco do meteoro,—uma vaga melancolia no coração.

Recordou-se ella assim, no adiantado inverno da vida, sem esperanças de novas primaveras, e deixou fugir toda a sua alma na ultimas notas doloridas.

Vi-lhe duas lagrimas a deslisarem ao longo das faces avincadas pela velhice; duas lagrimas que me fizeram lembrar as flores que nascem á beira d'uma campa, as aves que cantam na orla d'um abysmo, ou o sorriso amargo que devia contrahir os labios do primeiro homem, quando expulso do Eden.

Chamava-se Constança Bante Lody, e foi a ultima vez que cantou [1].

A sua voz era de meio soprano, genero Tedesco, e cantava tudo bem; principalmente aquelle *andante* da Anna Bolena, que dizia com voz suspirada, receosa, e na maxima perfeição.

Fôra galante; e era muito bem educada.

Acompanhava-se de um homem baixo, de suissas brancas, a quem chamava seu enteado. Este era irmão da condessa de Farrobo, e chamava-se Antonio Lody. Em tempos haviam querido casar; porém, o papa não lh'o permittira. Viveram muito tempo em Bemfica, na quinta que depois foi denominada do Lody. Ahi os surprehendeu a morte, já muito velhos [2].

Sic transit gloria!

Quando ella se abeirou do piano para cantar, foi tal a attenção, que me lembrei dos versos de Alfredo de Musset:

«Il se fit tout-à-coup le plus profond silence,
Quand Georgine Ismolen se leva pour chanter...»

[1] Esta senhora, Constança Bante Lody, fôra o primeiro soprano do theatro do barão de Quintella, mais tarde conde de Farrobo. Nas Laranjeiras cantou o papel de Floresca na *Testa de Bronzo ossia la Capana solitaria*, que alli subiu no prosceulo a 3 de dezembro de 1837. Neste anno foi aquelle melodrama heroi-comico publicado na typographia de Bulhões, com licença da Mesa do Desembargo do Paço. Bons tempos em que o Desembargo do Paço se occupava de comedias cantantes!!

Egualmente no theatro do conde de Farrobo se cantou, 10 annos depois, a *Beatriz di Tenda*, tragedia lyrica em 2 actos, de Vicente Bellini.

E ainda no dia 26 de fevereiro de 1843, na presença de D. Maria II, de D. Fernando e da imperatriz, lá foi coberto de applausos o *Duque de Olona*, opera comica em 3 actos, de Scribe e Saintine, para a qual Auber tinha composto a musica.

[2] O irmão d'aquella senhora, Fortunato Lody, foi o architecto do theatro de D. Maria II.

É verdade que o poeta accrescenta:

«On dit qu'elle a seize ans...»

A Lody tinha oitenta [1]!
Agora, com o poeta, eu digo a V. Ex.ª:

«Ange plein de beauté, connaissez-vous les rides,
Et la peur de vieillir, et ce hideux tourment
De lire la secrète horreur du dévouement
Dans les yeux où longtemps burent nos yeux avides?
Ange plein de beauté, connaissez-vous les rides?...»

* * *

O que tudo se escreveu da noite de 15 de agosto de 18.., evolada breve nas Caldas da Rainha. E não era o tempo *gris*.

João d'Olivensa.

[1] Ninguem se deve admirar de que esta senhora cantasse em edade já arroxeada pelo occaso da vida. As cantoras em Portugal vivem muitos annos. Com 85 de edade, morreu em Lisboa, em 1833, a celebrada cantarina portugueza, Luiza Todi (Luiza Rosa de Aguiar), discipula do grande maestro David Peres. Cantou nas primeiras côrtes da Europa, sendo objecto de grande admiração e enthusiasmo. Além do que, não é de extranhar o exemplo. Conta o *Figaro* que, em a noite de 7 de março de 1888, Madame Zieger (Marietta Alboni), celebrando o 72.º anniversario do seu nascimento, cantára na sua casa do Cours-la-Reine, em presença de alguns amigos, com voz magnifica, — *O meu Fernando*, da Traviata.

Guerra na Africa do Sul

CAVALLARIA BOER

GUERRA NA AFRICA DO SUL

Já dura ha trez mezes esta lucta notavel por tantos titulos e que, tendo interessado ao mais alto grau a Europa e o mundo inteiro, se desenvolve no extremo sul do continente africano. Essa natural curiosidade é bem justificada e em nós portuguezes, dada a situação especial da nossa provincia de Moçambique e da bahia de Lourenço Marques, constitue uma interrogação perpetua sobre a manutenção da nossa neutralidade tão categoricamente affirmada já este anno em côrtes pelo sr. ministro dos extrangeiros. As imprensas ingleza, franceza e allemã registaram de differente modo essas affirmativas, que de alguma maneira pozeram ponto ao discretear pouco amavel dos jornaes mais lidos n'esses centros, onde os interesses e as inimizades se mostram mais a descoberto.

Guerra quasi que mercenaria de uma parte, pois que os inglezes recrutam indistinctamente, inclusivè nas ruas de Londres, é impulsionada pelo santo ideal da independencia por parte dos boers. É esse o segredo da sua força, a razão da sua valentia, a que se ajuntam uma fé vivissima na justiça da sua causa e na providencia divina.

Mas como se não bastasse este capital contraste, ainda muitos outros offerece a campanha anglo-boer. A sobriedade d'aquelle povo de trabalhadores é frisante em comparação com o desgosto que os inglezes sentem ao menor desconforto. É lêr as cartas dos soldados de Albion queixando-se amargamente da falta da manteiga, do chá e das bolachinhas. O boer, ao contrario, desde sempre alli acostumado á parcimonia do homem indomito e soffredor a um tempo, contenta-se, á falta de melhor, em seccar, assar levemente, a carne ao sol, cortada em tiras, como a gravura o mostra claramente.

Muito se tem dissertado sobre o armamento do Transvaal, e sua tactica, mas ainda sobre estes pontos os contrastes são deveras extraordinarios. O boer não se envergonha de fugir ao inimigo quando não vê probabilidade de victoria; e ao contrario os officiaes inglezes no seu orgulho britanico não se arredam um passo. A lucta corpo a corpo não é a mais seguida. Parece que em toda a guerra apenas duas vezes se encontraram as forças frente a frente. Da sua tactica veem as surpresas, e não raro os movimentos em que facilmente envolvem os inglezes, ás vezes um regimento inteiro, que se appressam em desarmar e conduzir a Pretoria, onde por assim dizer mal chega a guerra, porque os boers tiveram o cuidado de ir atacar os inglezes ás suas colonias. Embora Johanesburgo e Pretoria estejam com a população reduzida, ha n'ellas, comtudo, uma relativa segurança.

Do seu armamento sabe-se que Krupp e o Creusot lhes forneceram grossos canhões, e a Mauser de repetição é a espingarda uzada. Da sua cavallaria, quasi toda arranjada com cavallos tirados ao inimigo dá tambem boa ideia a nossa gravura.

Da sua tactica são provas eloquentes os sitios porfiados de Ladysmith, Kimberley e Mafeking, que constituem verdadeiras armadilhas para os inglezes, que apertados pela necessidade fazem successivas sortidas. Assim fraccionados, os inimigos d'elles se apoderam facilmente e sem grandes perdas.

Para ainda frisar os contrastes d'esta lucta resta-nos lembrar que n'ella se teem usado, a par de elementos julgados antigos, os mais modernos apparelhos e systemas de communicação, como o telegrapho sem fio, etc. Seria caso para lhe chamar uma guerra fim de seculo, se não fôra a eterna vergonha d'elle, contrastada irrisoriamente pela conferencia da paz.

Guerra na Africa do Sul

CHEGADA A PRETORIA DE PRISIONEIROS INGLEZES

O DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

(Narrativa de um marinheiro)

(Concluido do numero antecedente)

D'este casamento houve Fernão Alvares Cabral, e Antonio Cabral, que morreram sem successão, D. Constança de Noronha, que desposou Nuno Furtado, commendador de Cardiga, e D. Guiomar de Castro, freira dominicana no convento da Rosa, de Lisboa.

A casa fundada por Alvaro Gil Cabral é actualmente representada pelos condes de Belmonte, emquanto que a que foi instituida pelo descobridor do Brazil tem por seu representante a filha do ultimo marquez de Castello Melhor, hoje senhora viscondessa de Varzea.

É n'uma das capellas da egreja de Nossa Senhora da Graça, em Santarem, bello templo da fundação da monarchia, que repousam em logar humilde os restos mortaes de Pedro Alvares Cabral e de sua mulher D. Isabel de Castro. [1]

[1] Ultimamente um nosso investigador escreveu algures ácerca da existencia dos restos mortaes do grande navegador:

«Podemos ter a certeza que ali se encontram os despojos mortaes do descobridor do Brazil, pois achando-se em Santarem em 1882 o nosso amigo, distincto escriptor e official de artilheria o sr. Zepherino Brandão e constando-lhe correr o boato que a sepultura fôra profanada pelos francezes durante a invasão, tendo estes tirado tudo quanto lá encontraram e mais tarde entulhada pelos liberaes por se lhes ter deparado aberta, conseguiu o illustre academico fosse nomeada uma commissão composta das pessoas mais gradas da antiga «Scalabis», e de tres facultativos, para verificarem que fundamento tinha o mencionado boato. Pelo exame a que então se procedeu e pelo auto lavrado, concluiu-se que não houvera violação e que ali existem ossadas de tres esqueletos distinctos, dentro dos seus respectivos caixões, e com certeza pela vetustade das ossadas uma d'ellas pertence ao inclito navegador.»

NO ACAMPAMENTO BOER — Os boers seccando carne ao sol

É o seguinte o epitaphio em caracteres gothicos:

Aquy jaz pedral varez cabral e dona Isabel de castro sua molher cuja he esta capella he de todos os seus erdeyros aquall depois da morte de seu marydo foy camareyra mor da Infanta dona marya fylha del rey dõ Joaõ nosso Señor ho terceiro d'este nome.

Cabral deve ter fallecido cerca de 1520, na edade de approximadamente 53 annos.

Logo depois da sua morte, sua mulher contractou com os frades eremitas da egreja da Graça a capella de S. João Evangelista, a qual mandou ornar de paramentos e dotou com foro de moio e meio de trigo, um carneiro, dois capões, uma gallinha e uma duzia d'ovos para sempre, com obrigação de ter jazigo perpetuo na dita capella, para a qual mandou trasladar os ossos de seu marido e os de seu filho Antonio, sob condição dos frades agostinhos dizerem ali annualmente quinze missas.

A egreja, que tem um bello portico gothico na fachada principal, primorosamente esculpido, consta de tres naves e pertence aos restos do antigo mosteiro de Santo Agostinho, de eremitas calçados ou gracianos, que em 1834 foi vendido a um particular que o reduziu a casas para moradia.

Felizmente, a egreja ainda se conserva para o culto divino, e entre outras, faz-se n'ella uma pomposa solemnidade annual ao Senhor Jesus dos Passos.

No meio da capella-mór d'esta egreja esteve o tumulo do fundador e de sua mulher D. Guiomar de Villa-Lobos, bisneta do rei D. Sancho, de Castella; mas em 1725 foi removido para o sitio actual, á entrada da egreja, do lado esquerdo.

Nas outras capellas da egreja estão varias sepulturas, sendo as principaes as de D. Leonor de Menezes, filha do conde de Ourem e mulher de D. Pedro de Castro, filho de D. Alvaro Pires de Castro, conde de Arrayolos, 1.° condestavel de Portugal, e irmão de D. Ignez de Castro, mulher de D. Pedro I; a sepultura de D. Affonso de Vasconcellos de Menezes, conde de Penella, bisneto do infante D. João, filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro; e a de D. Pedro de Menezes, 2.° conde de Vianna, alferes-mór do rei D. Duarte, e 1.° governador de Ceuta, e de sua mulher D. Beatriz.

Não se pode, pois, dizer que os ossos do grande navegador não estejam em boa companhia, embora não tenham monumento condigno, como tanto se tem requerido.

O INTERSIGNO

PELO CONDE VILLIERS DE L'ISLE-ADAM

Ao sr. Abbade Victor de Villiers de L'isle-Adam

«Attende, homo, quid fuisti ante ortum et quo! eris usque ad occasum. Profectó fuit quod non eras. Postea, de vili materia factus, in utero matris de sanguine menstruali nutritus, tunica tua fuit pellis secundina. Deindé, in vilissimo panno involutus, progressus es ad nos, — sic indutus et ornatus! Et non memor es quœ sit origo tua. Nihil est aliud homo quam sperma fœtidum, saccus stercorum, cibus vermium. Scientia, sapientia, ratio, sine Deo sicut nubes transeunt.

«Post hominem vermis: post vermem fœtor et horror. Sic, in non hominem, vertitur omnis homo.

«Cur carnem tuam adornas et impinguas, quam, post paucos dies, vermes devoraturi sunt in sepulchro, animam, vero, tuam non adornas—quœ Deo et Angelis ejus præsentenda estin Cœlis!»

S. Bernardo. — *Meditações, t., II.* — Bollandistas. — *Preparação para o Juizo final.*

Uma noite de inverno, entre gente que sabe pensar, tomavamos chá, em volta d'um bom fogão, em casa d'um amigo, o barão Xavier de la V*** (um rapaz pallido que um prolongado cançasso militar que soffrêra, muito novo ainda, em Africa, havia tornado muito debil de temperamento e de pouco vulgar mysantropia) cahiu a conversação sobre um dos mais sombrios themas: tratava-se da *natureza* de certas coincidencias extraordinarias, mysteriosas, de pasmar, que se dão na existencia de certas pessoas.

— Aqui teem uma historia, disse-nos elle, que vai sem commentarios. E' pura verdade. Talvez os impressione.

Accendemos uns cigarros e ouvimos a historia seguinte:

— Em 1876, no solsticio do outomno, por esse tempo em que o numero crescente de inhumações feitas levianamente — n'uma palavra, em demasia precipitadas — começou a revoltar a burguezia parisiense e a fazel-a dar rebate, uma noite, pelas oito horas, sahindo d'uma curiosissima sessão de espiritismo, senti-me, quando me achei em casa, sob a influencia d'esse spleen hereditario cuja negra obsessão frusta e reduz a zero os esforços da Faculdade.

Debalde, por instigações medicas, mil vezes me embriagou o licor de Avicenne: em vão assimilei, sob mil formulas, quintaes de ferro, e, desprezando todos os prazeres fiz descer, novo Roberto d'Arbrissel, o azougue de minhas paixões ardentes á temperatura dos samoyedos. De nada me valeu isso! — Ora vamos! Parece, sem duvida, que sou um ente taciturno e merencorio! Mas é preciso tambem que eu seja feito de muito boa argamassa para que, depois de taes tratamentos, ainda possa andar por ahi a contemplar os astros.

Ora, n'essa noite, já no meu quarto, ao accender um cigarro ás vellas do espelho, reparei na minha pallidez cadaverica e repotreei-me na grande poltrona, velho movel de velludo encarnado, almofadado, onde, o voar das horas sobre os meus prolongados sonhos me parece mais ligeiro. O accesso de spleen tornára-se incommodo até ao mal-estar, até á prostração! E, não me parecendo possivel sacudir aquellas sombras com qualquer distracção mundana — muito menos em meio dos horriveis cuidados da capital — resolvi, como experiencia, afastar-me de Paris, ir procurar longe um cantinho de paizagem, atirar-me a qualquer exercicio violento, por exemplo, a algumas salubres caçadas, para variar.

Mal me surgira a idéa, *no mesmo instante* em que tracei meu programma, atravessou-me o espirito o nome d'um velho amigo, havia muitos annos esquecido, o abbade Maucombe.

— O abbade Maucombe!... disse eu em voz baixa.

A ultima vez que falára ao douto padre fôra no momento de sua partida para uma longa peregrinação á Palestina. Soubera, havia tempos, de sua volta. Habitava o humilde presbyterio d'uma aldeiasinha da Bretanha Baixa.

Teria elle lá um quarto, um retiro de que pudesse dispôr? — Em suas viagens havia de ter colleccionado alguns antigos volumes? curiosidades do Libano? Pelas lagôas, proximas dos solares visinhos, apostava que havia de haver patos bravos!... Nada mais opportuno!... E se, antes dos primeiros frios, eu quizesse gozar a ultima quinzena magica do mez de outubro nos rochedos avermelhados, se eu queria vêr resplandecer as largas tardes do outomno sobre os altos cobertos de arvoredo, não devia de perder tempo!

Deram nove horas na pendula.

Levantei-me; sacudi a cinza do charuto. Depois, como homem resoluto, puz o chapéo, o capote e as luvas; peguei na mala e na espingarda: apaguei as vellas e sahi dando surrateiramente trez voltas á velha fechadura, cujo segredo é todo o orgulho da minha porta.

Trez quartos d'hora depois, o comboio da linha da Bretanha levava-me para a aldeiasinha de Saint-Maur, freguezia do abbade Maucombe; na estação tivera tempo de escrever uma carta muito á pressa, prevenindo meu pae da minha partida.

No dia seguinte pela manhã, chegava a R*** d'onde Saint-Maur dista umas duas leguas.

Desejando conquistar uma boa noite (para logo no dia seguinte, desde manhãsinha, me pôr a caçar) e qualquer sesta depois de almoço parecendo-me capaz de deslustrar a perfeição do meu somno, dispuz do meu dia, afim de me conservar acordado máo grado o cançasso, para fazer umas visitas a antigos collegas de estudos. — Pelas cinco horas da tarde, depois de cumpridos estes deveres, mandei sellar o cavallo, no Sol de Oiro, onde estivera, e ao sol posto avistei a aldeiasinha.

Em caminho, fôra rememorando o padre em cuja casa tencionava demorar-me uns dias. O tempo decorrido desde nosso ultimo encontro, as excursões, acontecimentos intermedios e habitos de isolamento deveriam-lhe modificado seu caracter e pessoa. Deveriam ter-lhe embranquecido os cabellos. Mas conheci a conversação fortalecedora do velho reitor e era cheio de boa esperança que ia pensando nos serões que haviamos de passar juntos.

— O abbade Maucombe! dizia eu continuamente comigo. Que bella idéa!

Perguntando a morada d'elle aos velhos que apascentavam o gado ao longo dos fossos, convenci-me de que o prior — como perfeito confessor d'um Senhor de misericordia — adquirira profundamente o affecto de suas ovelhas, e logo que me indicaram com rigor o caminho do presbyterio, bastante afastado do grupo de casebres e de choupanas que formam a aldeia de Saint-Maur, dirigi-me para esse lado.

Cheguei.

O aspecto campestre d'aquella casa, as janellas com suas taboinhas verdes, os tres degraos de grés, as heras, as clematites e as rosas-chá que se emmaranhavam pelas paredes até ao telhado, d'onde sahia por um tubo com cata-vento uma nuvemsinha de fumo, inspiraram-me idéas de recolhimento, de saude e profunda paz. As arvores d'um pomar visinho mostravam, atravez as grades de vedação, as folhas enferrujadas pela estação enervante. Scintillavam os fogos do occidente nas duas janellas do andar unico; entre ellas cavava-se um nicho com a imagem d'um bemaventurado. Desci do cavallo, silenciosamente; atei-o ao postigo e levantei a aldrava da porta, lançando para traz, para o horisonte, um olhar de viajante.

Mas tanto brilhava o horizonte sobre os carvalhaes longinquos e os pinheiraes bravos por onde os ultimos passaros iam voando pela tarde, as aguas d'um charco coberto de cannas, lá muito longe, tão solemnemente reflectiam o céo, tão formosa se mostrava a natureza em meio dos ares quietos n'aquelles campos desertos, á hora em que vem cahindo o silencio, que eu — sem largar a aldrava suspensa — fiquei-me mudo.

— O' tu, pensei, que não tens asylo para teus sonhos e para quem a terra de Chanaan, com suas palmeiras e aguas vivas, não surge em meio de auroras, depois que tanto andaste sob duras estrellas, viajante, tão alegre na hora da partida e sombrio agora, — coração formado para outros exilios que não este cuja amargura compartilhas com máos irmãos, — olha! Aqui pode a gente sentar-se sobre a pedra da melancolia! — Resurgem aqui os sonhos mortos, adeantando-se aos momentos do sepulchro! Approxima-te, se queres ter o verdadeiro anceio da morte: aqui o ver-se o céo exalta nos até ao esquecimento.

Estava eu n'esse estado de prostação em que os nervos sensibilisados vibram á minima excitação. Cahiu uma folha ao pé de mim, e o furtivo murmurio fez-me todo estremecer. E o magico horizonte d'aquella região entrou me pelos olhos! Solitario, sentei-me em frente da porta.

Passados momentos, a tarde começava a refrescar e eu volvi ao sentimento da realidade. Ergui-

me de prompto e peguei novamente na aldrava da porta, olhando para a casa risonha.

Mas, mal havia lançado sobre ella um distrahido olhar, uma outra vez me vi forçado a demorar-me, a mim mesmo perguntando se não era ludibrio d'uma allucinação.

Era esta a mesma casa que, ainda havia pouco, eu tinha visto? Que velhice me denunciavam agora as compridas fendas entre as folhas pallidas! — Aquelle predio tinha um ar estranho; as vidraças alumiadas pelos raios da agonia da tarde scintillavam intensamente; o portal hospitaleiro convidava-me com seus tres degráos: mas, concentrando minha attenção sobre as lages pardas, percebi que haviam sido polidas, que ainda n'ellas se viam vestigios de gravura de letras e logo vi que haviam de as ter ido buscar ao cemiterio proximo, cujas cruzes negras me appareciam agora, para aquelle lado, a uns cem passos. E toda a casa me parecia mudada, dando-me um calafrio; e quando deixei cahir a aldrava, em meu espanto, os eccos lugubres retiniram no interior da morada, como vibrações d'um dobre.

Estas maneiras de ver sendo mais moraes do que physicas depressa se apagam. Sem duvidas d'um segundo, era certo que eu estava sendo victima d'esse abatimento intellectual, a que já me referi. Ancioso por ver um rosto que me ajudasse a dissipar, pela sua humanidade, uma tal lembrança, empurrei a porta sem mais esperar. — Entrei.

A porta, movida por um peso de relogio, fechou-se por si.

Achei-me n'um comprido corredor em cujo extremo Nanon, a ama, uma velha alegre, descia a escada, com uma vella na mão.

— Oh! sr. Xavier! exclamou, toda contente, reconhecendo-me.

— Boas noites, querida Nanon, respondi, confiando-lhe, á pressa, a minha mala e a espingarda. (Esquecera-me do casaco no meu quarto do Sol d'Oiro).

Subi: Um minuto depois, apertava nos braços o velho amigo.

(Continua)

UM AMIGO DE LUIZ XVI

Um dos acontecimentos mais extraordinarios da humanidade é, indiscutivelmente, a tremenda revolução com que a França fechou o seculo XVIII.

Preparada no campo das ideias pelos encyclopedistas e proclamada nas praças pelos jacobinos, espiritualisada em Voltaire, Montesquieu e Rosseau e encarnada em Danton, Robespierre e Marat, esse vitalissimo phenomeno politico foi uma espantosa convulsão, em que todas as instituições foram, mais ou menos, transformadas, uma expansão tremenda do espirito moderno que, nos delirios de uma selvagem exaltação, tudo aniquilou, assignalando-se, bem tristemente, pelos maiores excessos e pelas mais terriveis violencias.

Percorrendo a vasta galeria dos personagens que, por varios titulos, mais ou menos, se distinguiram n'essa epocha de verdadeiro *Terror*, deparamos com uma das figuras mais sympathicas de que a historia de França se póde ufanar.

É um homem que se singularisa pelos mais raros dotes de coração, é d'uma dedicação original, d'uma piedade extrema.

Referimo-nos a *Pierre Louis Olivier Descloseaux*, em cujo modesto tumulo no cemiterio do Père Lachaise, em Paris, se lê o honroso epitaphio: «Chevalier de l'ordre de Saint Michel, proprietaire du cimetière de la Magdeleine, où ont été inhumés les restes précieux de S. M. Louis XVI et de la reine Marie Antoinette, né à Versailles, le 30 mai 1732, décédé à Paris, le 4 juillet 1816.»

> De la cendre des rois pieux dépositaire,
> Le ciel daigna bénir ses soins religieux:
> Il a revu Louis au trône heriditaire,
> Et, comme Siméon, il a fermé les yeux. (1)

N'uma epocha de profundo egoismo, como a nossa, em que as dedicações levadas ao sacrificio são, em extremo, raras, é deveras admiravel a firmeza e abnegação d'esse homem, que, atravez perigosos obstaculos, se constitue, durante 23 annos, o guarda dedicadissimo dos restos d'essas pobres victimas coroadas, Luiz XVI e Maria Antoinette, para os entregar intactos, passada a medonha procella, como preciosa restituição, á real familia, reintegrada nos seus direitos!... Divida immensa, irremivel, contrahiram os Bourbons com Descloseaux, que na provecta edade de 82 annos, com sentidas lagrimas de jubilo e de pesar, realisou a sua piedosa aspiração!

Em fôsso profundo, coberto com densa camada de cal, para rapidamente se consumirem, foram lançados, em 21 de Janeiro de 1793, no antigo cemiterio da Magdalena, os restos mortaes de Luiz XVI. Expiando na guilhotina os erros e desvarios dos seus antepassados, o desgraçado monarcha recebeu sepultura infamante, odiosamente, defendida, durante os primeiros tempos, por numerosa escolta, para que a piedade de algum dos seus leaes vassallos, não ousasse, sequer, ás occultas, nas sombras da noite, espargir as flôres da saudade sobre a sua tristissima cova!

Todavia do alto da sua casa, visinha do cemiterio, na rua de Anjou, Mr. Descloseaux, com a alma mergulhada em profunda magua e no mais entranhado affecto, observava, dia a dia, attentamente, o que se passava com respeito á sepultura do regio martyr da furia revolucionaria. Abrigava em seu coração um sentimento nobilissimo, um culto por essas cinzas venerandas, que poder algum da terra seria capaz de aniquilar.

Mais tarde, em 16 de outubro do mesmo anno, Maria Antoinette decapitada, depois de experimentar as mais crueis angustias, foi inhumada, a seu pedido, junto a seu marido; concedida, pois, esta graça teve Descloseaux de duplicar a sua vigilancia.

Esta piedosa resolução deu-lhe energia para supportar a visinhança melancholica e insalubre de um pavoroso campo de morte, onde, durante oito mezes, na mais lamentavel promiscuidade, se subverteu tudo o que a França tinha de mais distincto e respeitavel com os chefes da mais desenfreada democracia!

Ao lado dos homens de bem victimas do dever, dos caracteres impolutos, dos typos mais sympathicos, como Lamoignon de Malesherbes e Carlota Corday, jazem os sanguinarios terriveis, os vultos mais execrandos, como Danton e Desmoulins!

A enorme quantidade de cadaveres, saturando este logar, fê-lo abandonar e esquecer até 1797, anno em que os despojos dos reis foram ameaçados do supremo ultrage.

A fatalidade continuava perseguindo esses infelizes a quem nem ao menos fôra concedida a paz do tumulo!

Passado o periodo do terror, a sociedade franceza encaminhava-se para o seu estado normal, mas, apezar d'esse raiar de bonança, o governo, d'então, esquecendo todas as considerações de ordem moral, preza da mais revoltante especulação resolveu, com escandalo dos mais rudimentares principios da civilisação, pôr, em hasta publica, essa terra em que repousavam as cinzas ainda quentes de tantas victimas respeitaveis; estavam, pois, em vesperas de uma confrangente e sacrilega dispersão essas cinzas, cuja posse o povo francez, fosse qual fosse a sua divisa politica, devia conservar religiosamente, porque acima de todas as apprehensões partidarias, estavam os impulsos espontaneos do coração humano, esta feição propria do homem e que o não deixa confundir com o irracional.

Mas a obsecação era completa, a indifferença tocava as raias do crime! Os velhos cortezãos esqueciam o seu antigo amo, nenhum d'aquelles a quem Luiz XVI distinguiu com a sua confiança ou amizade se apresentou para subtrahir os regios despojos á mais tremenda das profanações, nenhuma familia das victimas se lembrou do triste sepulchro de seus paes, só Descloseaux, repassado de respeito pelas virtudes do seu rei de quem nunca recebera graças nem favores particulares, se apresentou como comprador d'esse campo funebre, sacrificando uma parte importante dos seus modestos haveres, que mais, vantajosamente, n'outra especie de transacção poderia ser applicada, para que, obedecendo aos incitamentos naturaes do seu espirito piedoso, poupasse á França essa grande vergonha.

Senhor, pois, da sua nova propriedade, eis Descloseaux, solicito, render as primeiras homenagens aos soberanos, a quem um cruel destino conferiu o diadema do martyrio, transformando esse solo arido, irregular e ingrato n'um jardim solitario, onde o cypreste e o salgueiro cobriam com as suas melancholicas sombras esse amplo recinto, alcatifado de verdura e alegremente matisado por lindissimas flores.

O tumulo de Luiz XVI distinguia-se por uma cruz negra, que, magestosa na sua eloquente simplicidade, emocionava mais profundamente que o marmore de alto preço, caprichosamente cinzelado.

Negação formal da vaidade e do orgulho, a cruz symbolo da redempção, emblema da fé, reveste os mais sublimes titulos e hasteada na sepultura rása de um rei, torna esse logar singularissimo, impõe-no á veneração e á condolencia de todo o espirito elevado e de todo o coração sensivel. Não é um objecto de adorno, uma insignia usual, obrigada em soberbo mausoléo, mas a representação austera do soffrimento, de mil torturas moraes a que uma morte ignominosa veiu pôr termo.

A jazida de Maria Antoinette, não tinha, como a de seu marido, signal algum, mas a area, em que repousava a desditosa filha do imperador da Allemanha, era resguardada por um alto e regular massiço de verdura, cuja entrada era defendida por uma modesta cancella de madeira.

Annos antes, recebida em França com respeitosas e festivas acclamações, collocada n'um dos primeiros thronos da Europa, incensada com a vassallagem de milhões de subditos, quem diria a essa princeza que deveria acabar, tão tragicamente, e os seus nobres despojos, como os do ultimo dos mortaes, iriam povoar um misero coval?!...

Descloseaux, cioso do seu original thesouro, só o franqueava a alguns dos mais devotados partidarios da realeza desthronada e com a tenacidade de um caracter firme, soube resistir ás propostas tentadoras para que o cedesse.

É curiosa uma conferencia que este homem singular teve, em 1810, com um personagem que o procurara e que lhe rogava, com a maior insistencia e nas mais vantajosas condições, a venda do cemiterio da Magdalena: *Não o comprei para o vender*, responde Descloseaux ao seu interlocutor, *quero conserval-o*.

Insistindo o pretendente, não obstante esta resposta tão cathegorica, a réplica é, quanto possivel, energica e traduz a resolução inabalavel de um espirito de ferro. *Nunca, senhor, todas as vossas propostas não me saberão tentar. Comprando este terreno, conheço o thesouro de que elle é depositario; nada me fará desistir; emquanto houver leis, d'ellas me servirei para o defender, e, em ultimo caso, tomaria a minha espingarda para punir quem tentasse arrebatar-me um deposito sagrado de que me constitui guarda; não o entrego senão a sua familia, é só com esse fim que o conservo, nenhuma vil especulação de interesse fará com que o ceda.*

Como o rochedo açoutado pelas ondas, permanece immovel e magestoso dominando-as, assim o sympathico e firme possuidor dos despojos reaes, alma purissima em regiões do mais limpido espiritualismo, reage, soberano, ás seducções do interesse e humilha quem o não sabe comprehender!

Descloseaux continua, pois, na sua caridosa missão; é um filho amantissimo idolatrando as cinzas de seus paes. Com as mãos tremulas pelos annos, mas solicitas pelo amor, por esse adoravel mixto de pesar e de alegria, cultiva as pobres florinhas que adornam a funebre mansão e colhendo-as, envia-as, annualmente, á familia real, no exilio, como tributo bem significativo de uma vassallagem superior a todos os revézes. Com que emoções não seriam recebidos esses humildes arbustos, quantas lagrimas sinceras não fariam derramar!...

Restabelecida a monarchia legitima, em França, começou a affluir ao cemiterio da Magdalena, grande numero de visitantes não só nacionaes como estrangeiros, que, repassados da maior admiração e respeito, louvavam o procedimento piedoso e desinteressado de Descloseaux.

Uns, por méra curiosidade, outros, por mais nobres sentimentos, todos procuravam esse triste recinto que, com o seu imperturbavel silencio e sua pobre e humilde feição, lembrava um dos mais terriveis momentos historicos, um espantoso cataclismo social.

A familia real, pouco tempo depois da sua entrada em Paris, foi depôr no tumulo dos seus parentes a fervorosa homenagem das suas preces, e, extremamente grata a quem com tanto zelo e solicitude lhe preparou o cumprimento d'este santo dever, usou, para com Descloseaux, das mais honrosas attenções.

Luiz XVIII tirando de si proprio as insignias da nobre Ordem de S. Miguel, lançou-as ao peito d'esse venerando ancião, e a princeza real, offerecendo-lhe os melhores retratos de seus infortunados paes, dirigiu-lhe as seguintes palavras: *Não esperava encontrar francezes tão fieis; bom velho, tendes religiosamente conservado as cinzas de meus paes, vossa familia será abençoada; recebei, como recordação d'essas pobres victimas e como prova de meu reconhecimento, os seus retratos, não podem ficar em melhores mãos.*

Além d'estas lisongeiras e merecidas distincções, uma pensão lhe foi estabelecida, que poderia reverter, em parte, em favor de suas filhas.

No entanto, os despojos reaes não podiam con-

(1) Marchant de Beaumont — Le Conducteur au Cimetière de l'Est où du Père Lachaise.

tinuar no humilde cemiterio, era preciso dar-lhes sepulchro condigno, era tempo, emfim, de se fazer justiça a quem, d'uma forma tão tragica, se tinha cortado o fio de uma attribulada existencia, consagrando-lhe as honras devidas á sua alta gerarchia.

Determinou-se, pois, trasladar as régias ossadas para S. Diniz.

Com a possivel delicadeza, foi transmittida esta resolução a Descloseaux que, já, então, tinha cedido o terreno mortuario á familia real.

O bom octogenario não poude receber, sem amarga commoção esta noticia; ia assistir, ao despedir-se da vida, ao aniquilamento d'essa obra tão estremecida; era justa, pois, a magua que o affligia, ainda que tivesse, por lenitivo, a certeza de que um imponente sarcophago substituiria a humilima campa.

Exhumados os despojos reaes, o seu guarda de tantos annos, recebeu mais uma honra de subido quilate—foram depositadas essas cinzas na propria casa d'esse sympathico velho, que, com a sua piedosa familia, as velou até ao momento em que, com o respectivo apparato official, sahiram para o templo, onde os funeraes solemnes se deviam realisar.

N'essa tocante cerimonia, foi dado a Descloseaux um logar especial, e ahi, com as faces orvalhadas por lagrimas do mais puro sentimento, assistiu ao epilogo d'um drama, em que o destino e o seu coração virtuosissimo lhe conferiram um papel, que lhe dá a corôa da mais original celebridade.

Damasceno Nunes.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Chatrias—*Communicação feita á Sociedade Academica Indo-Chineza de França por J. P. Ludovico dos Santos Pereira — 1899 — Orlim.*

Sahida da typographia do periodico «*India Portugueza*» temos presente a segunda edição, annotada, d'esta pequena memoria sobre as castas da India especialmente os *Chatrias* e em que o auctor elucida algumas affirmativas que a este respeito se lêem n'uma importante memoria sobre o mesmo assumpto apresentada pelo sr. Charles Schœbel á Sociedade Academica Indo-Chineza de França e a qual conferiu a este senhor um premio de 2:000 francos.

O sr. Santos Pereira é um estudioso muito conceituado e apreciado, fazendo hoje parte da Real Sociedade Asiatica, ramo de Bombaim, e possuindo o titulo de membro da Academia Mont'Real de Toulouse. Por isso a sua critica e elucidação da memoria de Schœbel foi muito bem recebida e festejada.

Pretendia Schœbel, d'uma forma absoluta, que as castas na India se extinguiram pelos cruzamentos havidos nas allianças matrimoniaes, e isto acontecia especialmente com os *chatrias*.

Reunindo diversos elementos no muito que ha escripto sobre o assumpto dispoz-se o sr. Santos Pereira a demonstrar e provar a existencia das castas, se castas se devem denominar. Schœbel, descrevendo as castas como primitivamente existiram, dizia que os *chatrias*, não querendo sujeitar-se ao júgo dos sacerdotes, abandonaram o solo, e que o verdadeiro chatria não existe, ou pelo menos não existe como casta; que elle desappareceu devido ás allianças com familias inferiores ou bastardas.

Parece que o illustre sabio indianista não teve conhecimento de alguns factos que se observam na India e particularmente em Gôa, onde os *gãocares* teem feito prevalecer na sua descendencia a pureza das castas, taes quaes existiram primitivamente.

Esclarecendo estes pontos o sr. Santos Pereira amostra como sendo expoliados e desapossados do seu poderio pelas invasões, os chatrias se dedicaram a outra especie de occupação ao lado das restantes classes, e, como era pela occupação que se devia conhecer a casta, d'ahi proveiu a confusão. Outro tanto não succedeu com os *brahamanes*, porque estavam como sacerdotes ao abrigo de toda a especie de revezes da fortuna de que foram victimas muitas familias reinantes desde os tempos mais remotos. Os sacerdotes passaram incolumes atravez os acontecimentos. Do mesmo modo atravessaram os seculos os *sudros*, que tinham de prestar o trabalho servil.

Os chatrias não desappareceram portanto do solo indiano, mas confundiram-se pelas occupações. Dizer pois que essa casta desappareceu pelas allianças não tem visos de probabilidade, sabendo-se o exclusivismo castal, de tal modo radicado desde a introducção do systema de castas não permittiu taes allianças até mesmo entre os catholicos, cujas tendencias, na parte illustrada, vêem-se moderadas devido á civilisação europeia, mas não ao ponto de se unirem indifferentemente em classes diversas.

Analysando as leis de Manu vê-se que ellas consideram a mulher um campo e o homem a semente e portanto a linha varonil se mantem. Embora, pois, as allianças se permittissem entre classes diversas, as castas mantiveram a sua pureza e especialmente por meio de umas associações que inventou o puro genio da India e cujos membros se chamam *gãocares*, que quer dizer governadores, administradores e bemfeitores, como se define na carta de foral de usos e costumes dada por D. João III e organisada em 1526 por Affonso Mexias.

SEPULTURA DE LUIZ XVI E DE MARIA ANTOINETTE

Vid. artigo «Um amigo de Luiz XVI»

Fundadas sob estatutos solidos e atravessando seculos chegaram até aos nossos dias sem se alterarem na sua constituição communal, a despeito das invasões e das conquistas e os primeiros dominantes conservando-lhes as suas terras tributaram-nas com um foro que vieram pagando, e as do Concão ao rei Cadambo, e continuando a pagar este foro aos immediatos dominantes, contractando finalmente com Affonso de Albuquerque pagal-o ao governo portuguez, a quem ainda hoje o pagam.

Gozando de todos os privilegios e regalias dos municipios, que, de facto, o eram antigamente no interior das suas aldeias, exerciam as funcções inherentes áquelles corpos não só, mas ainda decidiam em reunião os gãocares sobre os negocios civis, criminaes, e outros importantes. Tanto que não duvidaram os portuguezes em lhes chamarem camaras applicando-lhes a organisação militar dos concelhos de Portugal. Estes pequenos e independentes estados de Goa com o fim provavel de defenderem os seus direitos contra as referidas invasões, organisaram em cada provincia, por meio de confederação, um corpo electivo que se chama camara geral para procurar pelos interesses communs.

Da sua origem, egualmente desconhecida, só se sabe de certo que existiam antes da conquista portugueza.

E essas communas abrigadas pela camara geral, por se entender boa a acclimação dos municipios introduzidos pelo marquez de Pombal, o governo fez cercear successivamente nas suas prerogativas e reduziu aquella camara a simples camara agraria e as gãocarias a associações meramente agricolas, sem comtudo prejudicar a sua organisação originaria.

Os membros d'estas associações são, pois, descendentes legitimos dos fundadores das gãocarias em linha masculina, e gozam ainda hoje d'umas regalias exclusivas que ninguem pode fruir sem que seja reconhecido membro da respectiva communa.

Estas communidades só no territorio da India Portugueza sobem a 320 e pagam ao governo de fôro annual de 143,352 rupias, e os componentes de cada uma d'ellas são d'uma casta em umas exclusivamente, e n'outras de diversas castas como chardós (chatrias) brahamanes, etc.

D'aqui se conclue que a origem das gãocarias, comquanto se não possa determinar, se mostra ser anterior a Manu, e que os fundadores primitivos d'ellas são d'uma familia ou casta, ou tribu, que deviam viver perpetuamente e vivem ainda em communhão de origem e de propriedade e, cuja antiguidade se prova pela posse de gãocaria, que resguardou os componentes de qualquer damno.

Existindo communidades cujos componentes são de cada uma das especies de castas primitivas, como dizem varios auctores, dos citados na memoria do sr. Santos Pereira, e se conhece tradiccionalmente, é de crer que nenhuma d'ellas se extinguiu. Poderá não existir como affirmam, chatrias verdadeiras, isto é, com o antigo esplendor, mas existem na classe com é facil de ver, tão puros como existiram em pleno florescimento das castas, sendo conservados no admiravel systema das gãocarias, embora sem o antigo esplendor de poderio e de realeza em consequencia de invasões e conquistas.

Taes são, em um possivel resumo, as interessantes considerações com que brilhantemente sustenta a sua affirmativa o erudito auctor dos *Chatrias*, e que nós reproduzimos com o merecido apreço.